

A UNIDADE CORRE PERIGO!

A Unidade corre perigo. Alguns democratas que até aqui se mantiveram firmes e coesivos na luta do nosso povo contra o regime salazarista, começam a vacilar ante as manobras do governo e seus agentes, pretendem entrar em conluios políticos com homens que sempre se mostraram inimigos da Unidade, que sempre combateram o MUD e mantêm ligações, directas ou indirectas, com os agentes do governo e dos imperialistas anglo-americanos, tais os casos de Cunha Leal, Nuno Simões e alguns dos principais dirigentes do chamado Partido Socialista. Por outro lado, há democratas que, consequência da luta contra o salazarismo, chegam a resignar-se pelos golpes que têm sido assediados sobre o MUD e a bem dizer quem os assediou. Outros chegam ao ponto de considerar de falta de disciplina o facto de algumas Comissões do MUD continuarem com a sua acção combativa em prol da Democracia e da Liberdade. Outros, com o pretexto mal escondido de que há que legalizar a acção dos democratas, pretendem indirectamente que os comunistas se escondam, enquanto por outro lado defendem conluios com Cunha Leal, José de Sousa e C^o.

Todas estas concepções nada têm que ver com a Unidade. Isto, quer se queira quer não, é prestar um serviço ao fascismo e a todos os inimigos da Unidade e do POVO.

Ante esta situação, o **Partido Comunista Português sente-se no sagrado dever de alertar o povo contra o crime que se trama contra ele, chamando-o a cerrar fileiras em volta do MUD e do MUNAF com vistas a manter e a reforçar a actividade destes dois movimentos que são do povo, e a obstar à entrada neles de elementos divisionistas, desagregadores e traidores que têm em vista, não a luta consequente contra o regime salazarista, em defesa dos sagrados direitos do POVO, mas sim abastar a luta do nosso povo e anarrarem-no de pés e mãos ante o salazarismo.**

O Partido Comunista Português, ao mesmo tempo que declara mais uma vez a sua fidelidade à Unidade, e porque fiel ao POVO, declara que dará combate sem tréguas à política conciliadora e de capitulação a que alguns dirigentes democratas pretendem arrastar a Unidade.

CONTRA A POLÍTICA DE CAPITULAÇÃO CERREMOS FILEIRAS EM VOLTA DO M.U.D.

Com a assinatura dum documento em que reconheciam ter tomado conhecimento de um misterioso despacho que ilegalizava o MUD, alguns elementos da sua Comissão Central cometeram um erro que prejudicou enormemente o Movimento. Cometeram um erro mais grave quando fizeram publicar uma circular dando conhecimento aos quadros do MUD do facto. Não compreenderam que o objectivo do governo era levar a própria Comissão Central a comunicar a «pseudo-legalização» do MUD à massa dos democratas portugueses. Cometeram ainda um erro de consequências graves para o MUD, e altamente perigoso para o governo quando recorreram para o Supremo Tribunal. Esperaram-se, e foi pena, de que esse tribunal, há mais de dez fascistas, um órgão político e não legislativo. Daí, portanto, a esperar-se de um tal órgão a confirmação da ilegalização do MUD. Certamente que isto que alguns pseudo-democratas esperam — Salazar deu-o a entender num dos seus últimos discursos — para mais facilmente continuarem com as suas manobras desagregadoras e de castração da vontade de luta do nosso povo.

Todos os verdadeiros democratas e patriotas portugueses, com os comunistas à cabeça, devem reforçar e vigorar as Comissões do MUD, profissionais, de freguesia, concelhias e distritais, com vistas à mobilização de todos os sinceramente anti-salazaristas para obstar a que vão perdendo os intentos criminosos dos fascistas e seus agentes. **A mobilização das massas para acções legais é o único caminho capaz de delatar por terra os objectivos do governo e seus agentes.** A ilegalização do MUD não depende da vontade do governo e de alguns senhores ditos democratas. O MUD só será ilegalizado se os democratas portugueses não souberem levantar-se como um só homem, para, por mérito da luta das massas, defenderem a sua legalidade; para combaterem sem dó nem piedade todos os capitaladores, todos aqueles que, sob os pretextos mais variados, declamam que é preciso esperar, etc., etc.

A esta política oportunista, o Partido Comunista, forte com o apoio das massas trabalhadoras — Segue na página 2 —

A obra Antinacional do Salazarismo

Os fascistas portugueses, estreitamente ligados aos trusts e monopólios estrangeiros, estão resolvidos a entregar todas as riquezas nacionais aos imperialistas anglo-americanos para obterem o seu apoio. É este, conhecido a debilidade política do salazarismo, ditado pelo povo, especulam com essa debilidade; e vão arrancando concessões após concessões ao governo traidor de Salazar.

Vejamos, concretamente algumas afirmações do ministro da Economia nas suas últimas discursões. Falando dos combustíveis e do seu abastecimento ao país, salientou os serviços prestados pela Sacoer, empresa concessionária da refinação de petróleo em Portugal. Não disse, porém, que a Sacoer (que teve 23.000 contos de lucros líquidos em 1946) tem à sua frente capitalistas estrangeiros, como o romeno Cohen ou os salazaristas romenos Simão, que representam dentro deste monopólio os grandes trusts estrangeiros. Não disse que dentro deste monopólio disso que dentro deste monopólio se encontravam os fascistas José Alberto dos Reis, Dominos Varcin Paludo e Beteza dos Santos.

O ministro aludiu também à pesquisa de petróleo em Portugal e falamos da Companhia de Petróleos de Portugal, sucessora de Anglo-Portuguese Oil; não disse, porém, que esta empresa era um desdobramento «espuriamente» das grandes companhias estrangeiras.

Company (Concessão de Timor), C^o. Africana de Petróleos (concessões de Moçambique). Todas estas empresas são filiais dos grandes trusts estrangeiros, Vacuum e Shell.

O ministro falou muito das novas barragens em construção e do futuro «brilhante» que elas prometem à Economia Nacional. Não disse porém que os grandes trusts internacionais se infiltraram com o seu consentimento dentro das novas empresas. Assim, na direcção da C^o. Hidro Eléctrica do Zêzere, a que foi concedida a exploração das barragens em construção no Zêzere, está o belga Dr. Jean de Stoep, administrador do trust mundial de electricidade SOFINA trust que desde há muitos anos se assenboreou por completo das poderosas Companhias Reunidas de Gás e Electricidade de Lisboa. Este mesmo trust SOFINA, por intermédio da sua filial, Sociedade Auxiliar de Construções e Trabalhos Industriais (SATRA), procura monopolizar toda a produção e distribuição de energia, o que será fácil de conseguir, pois por intermédio da Hidro-Eléctrica do Zêzere tem assento na direcção da C^o. Nacional de Electricidade. Para melhor poder conseguir os seus objectivos monopolistas dentro do país, criou a SOFINA uma sociedade «portuguesa» sua subsidiária: a Sociedade de Estudos Técnicos, onde colocou fascistas graduados como Dr. Rui Ulrich, o Dr. Moreira Junior, Fausto de Figueiredo e outros mais. A energia produzida pelas novas barragens terá o preço que o trust da SOFINA quiser impor aos consumidores portugueses; e é este o seu objectivo.

O ministro da Economia quando visitou a Fábrica do Amoniaco



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A POLÍTICA ANTINACIONAL DE Salazar

Condiz Portugal à ruína económica e à condição de colónia

Impotente e incapaz de resolver os problemas fundamentais que afectam a maioria esmagadora da Nação, o governo fascista de Salazar, ao mesmo tempo que intensifica a repressão contra os democratas portugueses rearmamento intensivo da Legião, prisão dos operários componentes das Listas de Unidade a quando das eleições sindicais, reforço da PIDE e alargamento a todos os recantos do país da rede de informadores, etc.) enfeuda cada vez mais o País ao imperialismo anglo-americano, principalmente a este último.

Tendo a maioria da Nação contra o seu regime de opressão, exploração, terror e miséria, o governo de Salazar procura no estrangeiro o apoio que o povo português lhe recusa. Concessão atrás de concessão, colocam nas mãos dos imperialistas anglo-americanos as riquezas fundamentais do continente e colónias. Para se manter no poder, o governo de Salazar e toda a sua ca-

do imperialismo anglo-americano

marilha fascista não hesitam em hipotecar Portugal aos monopólios de Londres e Washington. A produção nacional cada vez se define mais, a crise nas principais indústrias nacionais, como a da cortiça, a de vidros, a de conservas de peixe, a têxtil, etc., está novamente a agravar-se. Algumas fábricas reduzem para os stokes. Desta forma o desemprego ameaça agravar ainda mais a miséria das massas trabalhadoras. Na Agricultura a situação começa a tornar-se desesperada, não podendo os próprios deputados fascistas da Assembleia Nacional esconder mais tal estado de coisas. Com o novo agravamento dos preços de exportação que o governo in-

gões aplicou aos vinhos do Porto, a sua entrada na Inglaterra fica praticamente proibida, levando à ruína os produtores deste precioso produto de exportação. Em vez de estimular a produção, favorecer o seu desenvolvimento e assegurar mercados externos vantajosos para os nossos produtos exportáveis, o governo salazarista, com as suas nefastas medidas de importação em massa, com a protecção aos monopólios e trusts, nacionais e estrangeiros, caso recente da Fábrica SEI de cabos eléctricos, Mabor, Amónia, Portugals, etc., com a protecção aos grandes lucros, que as palavras demagógicas do ministro da Economia pretendem encobrir, conduz Portugal a uma situação insustentável, ao aniquilamento dos pequenos e médios industriais, da pequena e média lavoura, à difícil situação das classes médias, a uma maior miséria das classes trabalhadoras, à completa ruína da Nação.

A MENTIRA COMO ARMA POLÍTICA DO GOVERNO

O ministro da Economia, na já célebre Conferência do S. Luís, afirmou, com o aplauso unânime dos seus colegas do governo e de todos os oportunistas do fascismo, que as «importações massivas» de 1947 não passaram de uma invenção dos críticos, porque essas importações foram, ao fim de contas, em reduzida escala.

Intelectual, para o povo português, aquilo a que o ministro e incompetente ministro da Economia chamou «invenção dos críti-

cos» é uma triste realidade. Vejamos, pois, os factos, apontados agora pelos próprios apañiguados do governo:

A 2448, o deputado coronel José Esquivel afirmava na Assembleia Nacional que, enquanto em 1946 as importações tinham atingido a importância de 6.570.000 contos (cabendo 80 anos produtos agrícolas 972.400 contos (isto é, abandonada a si mesma) e as exportações 4.996.000, em 1947, as

importações atingiram a linda conta de 9.185.452 contos (!!) enquanto as exportações baixavam para 4.244.000 contos. Quer dizer: em 1947, um défice contra Portugal de quase 5 milhões de contos ou seja 5 bilhões de escudos!!! Esta é a situação das «importações» cambiais do País que o Sr. Daniel Barbosa esconde de uma forma vergonhosa no S. Luís de Lisboa.

Os críticos também passaram a nu, como prejudicial à Economia nacional a importação de artigos absolutamente dispensáveis e até supérfluos, uns, e de outros que muito bem se podem e podem produzir no País. Entretanto, o desenvolvimento da produção nacional e o equipamento industrial do país, assente em bases retentamente nacionalistas, não é a política do governo fascista de Salazar. A sua adesão ao chamado plano de auxílio à Europa, amarrado ainda mais à tutela dos monopólios anglo-americanos, Portugal é assim transformado numa colónia do imperialismo anglo-americano.

Também isto não passou de invenção dos críticos, segundo o demagogo ministro da Economia. Ouçamos novamente o coronel José Esquivel: «Mas a verdade é que grande parte dessa importação (os 9.185.452 contos de importações) foi absorvida em artigos cuja necessidade não era prementosa».

Em que ficamos, Sr. Ministro? Quem inventa? Quem deturpa? Afinal, quem é que faz uso da mentira como arma política?

Os factos demonstram claramente. Conclusão na página 2

BASTA DE DEMAGOGIA

ULTIMAMENTE, uma organização que se intitula «Caritas» que é patrocinada pelo salazarismo, alto ciero e grande baratesia portuguesa tem trazido à Portugal algumas centenas de crianças de alguns países do ocidente europeu para lhes prestar um auxílio.

Tem-se dado ao facto a máxima publicidade com o fim de demonstrar no exterior que o povo português vive de tal forma na abundância que está em condições de prestar esse auxílio. Como se em Portugal não existissem dezenas de milhares de crianças na mais completa miséria e abandono, sem roupa, sem pão, vivendo em choças, sem assistência e instrução, porque os pais vivem em idêntico abandono e miséria. Dezenas de milhares de crianças morrem devido a esse estado de indigência. O nível da mortalidade infantil em Portugal é um dos mais elevados no mundo. Em 121.887 óbitos registados em 1945, 49.557 foram de crianças de 1 a 5 anos, o que representa 50% de mortos nesse ano.

Está a prestar assistência a crianças de países onde o seu nível de vida, assistência, etc., são mais elevados do que os nossos, mesmo com todos os efeitos da guerra, e continuam a manter as nossas em completo abandono é o que há de mais revoltante.

Uma tal assistência só tem um objectivo — é lançar uma cortina de fumo para ocultar a miséria que reina em Portugal.

ANTONIO GUERRA foi de novo para o TARRAFAL!

Ao enviar de novo este heróico combatente da Democracia para o maldito Campo de Concentração do Tarrafal, o governo de Salazar tem por fim premeditado condê-lo à morte. Heróico combatente do Movimento de 15 de Janeiro de 1934, António Guerra foi preso dias após este movimento de protesto contra a fascização dos Sindicatos. Desde há mais de 14 anos que a vida deste abnegado filho do povo tem sido viajar pelas masmorras salazaristas. Os calabouços imundos, sem ar e sem luz do G. Civil de Lisboa, as celas frias do Presídio Militar da Trafaria, as camaratas bafiantes do Aljube, a centenária e húmida Fortaleza de Angra do Heroísmo com as suas diabólicas «Pernas», «Poternas» e «Calejas», o maldito Campo de Concentração do Tarrafal, com o seu clima mortífero, com a sua celebérrima «Frigideira», os seus trabalhos forçados, depois a Fortaleza de Peniche com as suas trezentas «Casamatas», e, agora de novo o mil vezes maldito Campo de Morte Lenta do Tarrafal, tudo isto, António Guerra tem ex-

perimentado na própria carne através estes 14 anos de cativeiro.

Nem isto, nem a fome, nem os espancamentos que sofreu em Angra e Tarrafal fizeram abalar a firmeza revolucionária deste heróico filho da Marinha Grande. Mas, se a sua firmeza revolucionária consequente e a sua fé na vitória da Democracia não foram abaladas, outro tanto não podemos dizer da sua saúde. António Guerra, além de ter a sua saúde abalada (14 anos de prisão) está quase cego. Os bandidos da PIDE sabem-no bem. Por isso, o seu envio de novo para o Tarrafal significa uma verdadeira condenação à morte!

Portugueses! Homens e mulheres de coragem do nosso País! Democratas de todas as tendências políticas e credos religiosos! Povo da Marinha Grande! Protes-tar contra mais este crime do Salazarismo, é um dever de todos nós!

PELA EXTINÇÃO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DO TARRAFAL!

Amnistia ! Amnistia ! Amnistia !

